

ONDE NASCEU
Hospital Santa Helena, na Asa Norte

ORIGEM FAMILIAR
A mãe é carioca e o pai mineiro

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA
“As brincadeiras com os primos na casa dos avós, na Velhacap”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA
O comportamento da população. “Ninguém acredita que os motoristas param para os pedestres passarem na faixa”

Os pais de Carlos Alberto Tabanez se conheceram na Velhacap, antigo nome dado à Candangolândia. Integrante da Polícia Civil desde 1995, lamenta o sumiço das crianças brincando nas ruas

MEMÓRIAS de um policial

JORGE DE CASTRO

DA EQUIPE DO CORREIO

N o mesmo ano que o plano piloto de Lucio Costa venceu o concurso para o projeto urbanístico de Brasília, o pai do policial Carlos Alberto Rodriguez Tabanez, chegou para ajudar na construção da futura capital federal. Na mesma época, o avô materno do agente da Delegacia de Operações Especiais (DOE) vinha de Minas como marceneiro. O candango também trazia na bagagem o sonho de uma vida próspera na cidade. Morando na antiga Velhacap (a antiga Candangolândia), os pais do policial se conheceram, em 1962, graças a uma partida de pingue-pongue disputada na própria Velhacap, onde o pai dela trabalhava — ele era marceneiro. Sete anos mais tarde, os dois se casaram e, em 1970, nasceu Tabanez, primeiro dos dois filhos do casal.

O sobrenome, utilizado hoje como nome de guerra do policial, é o mesmo que o tio dele usava quando era policial civil. Por volta dos cinco anos — ele não sabe precisar bem a idade — Carlos Alberto conta que era comum ver o tio chegando para visitar o irmão com o carro policial, arma na cintura. “Lembro que o carro que a polícia usava era um fusquinha. O carro era preto e branco e o pessoal o chamava de joaninha”, relembra. Começava ali o sonho que, 20 anos mais tarde, se concretizaria: tornar-se um policial. Atualmente, ele é chefe de 14 agentes da Seção de Proteção à Pessoa da DOE. Ao todo, a Polícia Civil do DF tem 5,5 mil policiais na ativa, entre agentes, delegados, escrivães e peritos.

As brincadeiras de criança na Asa Sul despertaram o interesse de Carlos Alberto pela investigação. “Gostava de

Daniel Ferreira/CB



TABANEZ, QUE ESCOLHEU A PROFISSÃO POR INFLUÊNCIA DO TIO: “LEMBRO QUE O CARRO DA POLÍCIA ERA UM FUSQUINHA PRETO E BRANCO”

brincar com aqueles brinquedos de alquimistas. Isso influenciou na escolha da profissão também”, explica Carlos, que se formou em química na Universidade Católica de Brasília. Ele entrou na faculdade em 1988, quando o país vivia os primeiros anos da redemocratização e as atenções da sociedade se voltava para o Congresso Nacional, onde, em outubro daquele ano, os constituintes promulgavam a nova Constituição Federal. Antes de passar no concurso público de agente da Polícia Civil, em 1995, o estudante universitário Tabanez deu aulas de química em 10 escolas do DF. “Há ex-alunos meus que hoje estão na polícia também”, comenta o ex-professor.

Nos primeiros anos de Brasília, a família de Carlos morou na 408 Sul e 402 Sul. Depois, mudou com os pais para o Guarã, onde está há 30 anos. Ainda criança, a família foi morar no Guarã. Os apartamentos não existiam e o local já não era mais apenas um assentamento. Com os amigos, Carlos Alberto brincava de futebol e de pipa. “Até hoje tem gente de todas as idades soltando pipa, lá”, afirma. “Hoje, não vemos mais as crianças brincando como antigamente. Futebol ainda tem, mas queimada não vejo mais”, descreve.

Nos fins de semana, os três iam para a casa dos avós, na

Velhacap, onde encontrava o restante da família. “Todo domingo tinha almoço na casa deles”, recorda. A poeira, comum em vários pontos do DF naquela época, não era usual no Guarã, mas fazia parte da rotina dos pioneiros que viviam na região. “A Candangolândia, onde meus avós moravam, é como uma chácara nos dias de hoje. Era ótimo. Lá tinha muito mato, muito lugar para brincar de pique-esconde, queimada”, lembra. O policial preocupa-se com as próximas gerações. “Hoje as crianças não têm aquela liberdade de antigamente. Acho que meus filhos não terão essa oportunidade. Principalmente, porque antes não tinha a violência que existe nos dias de hoje”, lamenta Tabanez.

Ainda assim, ele afirma que a capital federal é o melhor lugar para se morar. “Já viajei por todo o Brasil dando cursos especializados. Quando as viagens duram mais de 15 dias, fico agoniado para voltar”, afirma. “Sair de Brasília por uma semana é ótimo. Mais do que isso, não dá”, avalia o policial. “Todo mundo que sai daqui fica louco para voltar”, acredita. Como nada no mundo é perfeito, ele aponta apenas um defeito geográfico da cidade. “Só falta uma praia para que Brasília seja o melhor lugar do mundo”, ressalva. “A cidade tem uma realidade diferente de qualquer outra do Brasil”, completa.